

# (RE)SIGNIFICANDO A ATUAÇÃO DOCENTE: ORIENTAÇÃO DE RESIDÊNCIA EDUCACIONAL E O ENSINO REMOTO

■ JULIANA ROSSI DUCI

<https://orcid.org/0000-0002-7951-4906>

Faculdade Sesi de Educação

■ ANA PAULA GOMES SEFERIAN

<https://orcid.org/0000-0002-7282-0054>

Faculdade Sesi de Educação

## RESUMO

O artigo apresenta-se em forma de narrativa autobiográfica, compreende a temática da formação e trabalho docente como valorização da subjetividade singular e plural que contribui na investigação das mais variadas formas de expressão que a categoria docente vivenciou e vivência num contexto de pandemia, uma vez que tal processo permite investigar a própria subjetividade, mas também a ação profissional nas dimensões temporal e espacial que se reorganizam. Desse modo, narramos aqui nossa experiência em dupla docência, ao longo do 1º semestre de 2020, em um curso de licenciatura em Ciências Humanas em uma Faculdade de Educação no âmbito do Programa de Residência Educacional na cidade de São Paulo a partir de uma reflexão: como nós, orientadoras de residência, (re) significamos nossa atuação frente ao processo de ensino e aprendizagem no contexto de ensino remoto? Tal processo resultou em uma autorreflexão sobre os desafios e potencialidade do uso de recursos tecnológicos e audiovisuais na realização da atividade docente.

**Palavras-chave:** Residência Educacional. Docência. Pandemia. Recursos audiovisuais.

## ABSTRACT

### (RE) MEANING TEACHING PERFORMANCE: EDUCATIONAL RESIDENCE GUIDANCE AND REMOTE TEACHING

The article presented in the form of an autobiographical narrative, understands the theme of teacher training and work as valuing the singular and plural subjectivity that contributes to the investigation

of the most varied forms of expression that the teaching category has experienced and experiences in a context of Pandemic, a Since this process allows us to investigate subjectivity itself but also professional action in the temporal and spatial dimensions that are reorganized. In this way, we narrate here our experience in double teaching, during the 1st semester of 2020, in a degree course in Human Sciences at a Faculty of Education within the scope of the Educational Residency Program in the city of São Paulo based on a reflection: how do we, residency counselors, (re) signify our performance in face of the teaching and learning process in the context of remote teaching? This process resulted in a self-reflection on the challenges and potential of using technological and audiovisual resources in the performance of teaching activities.

**Keywords:** Educational Residence. Teaching. Pandemic. Audiovisual resources.

## RESUMEN

### (RE) SIGNIFICADO DEL DESEMPEÑO DOCENTE: ORIENTACIÓN DE LA RESIDENCIA EDUCATIVA Y EDUCACIÓN A DISTANCIA

El artículo se presenta en forma de narrativa autobiográfica, entiende la temática de la formación y el trabajo docente como una apreciación de la subjetividad singular y plural que contribuye a la investigación de las más variadas formas de expresión que la categoría docente ha vivido y vivenciado en un contexto de Pandemia, ya que este proceso nos permite investigar la subjetividad misma pero también la acción profesional en las dimensiones temporal y espacial que se reorganizan. Así, narramos aquí nuestra experiencia en la doble docencia, durante el 1er semestre de 2020, en un curso de Licenciatura en Ciencias Humanas en una Facultad de Educación en el ámbito del Programa de Residencia Educativa en la ciudad de São Paulo a partir de una reflexión: cómo ¿Nosotros, consejeros de residencia, (re) significamos nuestro desempeño frente al proceso de enseñanza y aprendizaje en el contexto de la enseñanza a distancia? Este proceso resultó en una autorreflexión sobre los desafíos y potencialidades del uso de recursos tecnológicos y audiovisuales en el desempeño de las actividades docentes.

**Palabras clave:** Residencia Educativa. Enseñando. Pandemia. Recursos audiovisuales.

## Introdução

O contexto de isolamento social fruto da pandemia da covid-19 durante o ano de 2020 gerou inúmeras demandas, questionamentos e angústias em todos os âmbitos da vida social, econômica, cultural e não seria diferente no campo educacional, no qual estudantes e professores, em todos os segmentos do ensino, também foram assolados por uma radical transformação, respectivamente, em sua experiência formativa e prática pedagógica e profissional.

Nesse cenário, a ânsia por respostas emergenciais e imediatas obrigou todos os sistemas educacionais – públicos e particulares – a buscarem alternativas para garantir, de um modo ou de outro, a continuidade dos processos de ensino e aprendizagem, sendo a principal ação a realização de modo *on-line*, remoto, a distância – neste momento não importando muito um conceito único e definitivo para essa prática urgente – que pudesse dar conta do famigerado novo normal.

Sendo assim, não foi mais possível reproduzir teorias e práticas já sedimentadas nos ambientes educacionais cuja relação presencial/corporal era o vínculo imediato e primeiro. Agora, os recursos audiovisuais tecnológicos – expressos por ambientes virtuais de comunicação tais como Zoom, Meet, Teams<sup>1</sup> e até mesmo WhatsApp<sup>2</sup> – passam a ser o primeiro contato, ou melhor, único possível, para que os processos comunicativos pudessem ocorrer, alterando significativamente conteúdo e forma de ensino e aprendizagem.

Tamanho transformação exigiu e ainda exige dos(as) professores(as) um (re)inventar-se, reconstruir-se não apenas no âmbito subjetivo, mas também operacional-profissional, uma

vez que as modificações provocadas por esse cenário obrigaram uma mobilização de outros meios de se relacionar com a própria profissão, consigo mesmo e com os(as) estudantes.

Não obstante a essa experiência e construindo um olhar que busca (re)significar esse processo, o artigo que aqui se apresenta em forma de narrativa autobiográfica compreende a temática da formação e trabalho docente como valorização da subjetividade singular e plural que contribui na investigação das mais variadas formas de expressão que a categoria docente vivenciou e vivencia num contexto de pandemia, uma vez que tal processo permite investigar a própria subjetividade, mas também a ação profissional nas dimensões temporal e espacial que se reorganizam.

Desse modo, narramos aqui nossa experiência em dupla docência, ao longo do 1º semestre de 2020, em um curso de licenciatura em Ciências Humanas em uma Faculdade de Educação no âmbito do Programa de Residência Educacional<sup>3</sup> na cidade de São Paulo a partir da seguinte reflexão: nós, orientadoras de residência, (re)significamos nossa atuação frente ao processo de ensino e aprendizagem no contexto de ensino remoto?

A partir de tal questionamento, entendemos que a narrativa que aqui se apresenta, em alguns momentos, se expresse na terceira pessoa do plural, na tentativa de emular nossos embates, reflexões e ações e assim manifestar nossa contribuição ao campo da narrativa (auto)biográfica.

Desse modo, a atuação docente por nós realizada teve que ser (re)significada, pois nos

1 Plataformas de comunicação institucional adaptadas para o ambiente educacional.

2 Aplicativo que oferece um serviço de mensagens e chamadas simples para celulares e computadores em todo o mundo.

3 Art. 1º O Programa de Residência Educacional é constituído por atividades planejadas destinadas aos estudantes regularmente matriculados em um de seus cursos de licenciatura e visa a colaborar para a formação do futuro professor como educador e pesquisador desde o início de sua experiência na graduação acadêmica. Disponível em: [http://www.faculdaledesesi.edu.br/wp-content/uploads/2020/01/Regulamento\\_Residencia\\_Educacional\\_Faculdade\\_Sesi\\_de\\_Educacao\\_2020\\_.pdf](http://www.faculdaledesesi.edu.br/wp-content/uploads/2020/01/Regulamento_Residencia_Educacional_Faculdade_Sesi_de_Educacao_2020_.pdf).

vimos frente a necessária adequação a um ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) que foi rapidamente adequado pela instituição a um novo fim e, desse modo, questões e situações nos levaram a refletir sobre nossa prática enquanto orientadoras de residência uma vez que tivemos que criar estratégias junto aos estudantes que atendessem às necessidades de acolhimento e ao mesmo tempo permitissem a ampliação de seus conhecimentos teóricos e metodológicos dado que o processo formativo não parou.

Não ficamos alheias a tamanhos impactos, os quais nos levaram a (re)pensar nosso papel, nosso imaginário, nossa identidade como professoras-orientadoras e sobre nosso fazer docente em um momento de excepcionalidade, nos obrigando a lançar mão de diferentes estratégias didático-metodológicas, mas também técnico-operacionais como o uso de recursos tecnológicos para que a orientação de residência continuasse promovendo sua função primeira: a reflexão sobre questões relativas à sala de aula e à prática docente durante o percurso formativo.

Ao termos como suporte de nossa experiência a narrativa (auto)biográfica, manifestamos não apenas uma decisão política, uma vez que ela assume como princípio “[...] o respeito à dimensão subjetiva, à voz dos sujeitos, ao que eles têm a dizer sobre si e suas experiências, ao modo como interpretam sua existência” (DOS SANTOS, LIMA, DE SOUSA, 2020, p. 1638), mas também, através dessa abordagem, ampliamos e engajamos sentidos outros do ver, escutar e falar/narrar que não reproduzem um paradigma positivista experimental/tácito, mas que representa maior relevância dos processos de pesquisa e análise das práticas e das ações profissionais docente. Posto que

[...] a narrativa (auto)biográfica constitui uma forma primária e essencial de que os sujeitos

lançam mão intencionando organizar suas experiências, permitindo atribuir sentidos ao que é narrado e contado aos outros. Por isso, segundo Hubermam (2005), mais que outras formas de expressão, ela se converte no meio mais adequado quando se trata de investigar os docentes, tanto para captar a maneira pela qual constituem seu autoconhecimento, como para solicitar que enunciem o sentido pessoal, organizando sua experiência a partir de uma dimensão temporal. (DOS SANTOS, LIMA, I.; DE SOUSA, 2020, p. 1639).

Tal percurso investigativo, no campo educacional, a partir das pesquisas (auto)biográficas, reafirma a constituição de outros modos de ver/escutar/narrar a vida e as aprendizagens-experiências que atravessam todos os domínios de formação, “[...] demarcando os movimentos propulsores das experiências, das histórias individuais e coletivas de pessoas simples, de intelectuais, de professores, de crianças, jovens e adultos” (SOUZA, MEIRELES, 2018, p. 285). E, de modo procedimental, temos uma diversidade de recursos e fontes que nos dão subsídio para a composição de nossos estudos, uma vez que

[...] as pesquisas (auto)biográficas adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões, ou seja, os diversos *documentos pessoais* (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as *entrevistas biográficas*, que podem ser orais ou escritas. De fato, as biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional, como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como um objeto de análise, considerando-se, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa a que se vincula. Ainda assim, as pesquisas biográficas partem do princípio de que a educação se caracteriza como uma narratividade (GENOVESI, 2002) intersubjetiva, recolocando a subjetividade como uma categoria heurística e fenomenológica de tal abordagem. (SOUZA, MEIRELES, 2018, p. 285, grifos do autor).

Para a organização do sentido da experiência em suas dimensões temporal, espacial e profissional, a partir da compreensão dos objetos de pesquisa educacional no campo da narratividade, apresentamos como estrutura do artigo o Programa de Residência Educacional e sua dimensão formativa no âmbito da atuação de Orientação de Residência; em seguida, nossa narrativa sobre os processos de (re)significação dos encaminhamentos de orientação a partir do rearranjo institucional e educacional provocado pela pandemia covid-19; e, por fim, em nossas considerações refletimos sobre os aspectos que provocaram uma necessária reorganização de nossa atuação profissional, impactando não apenas no modo procedimental de nossa atuação, mas também em nossa compreensão enquanto docentes que experienciaram e experenciam as modificações da profissão provocadas pelo contexto de emergência sanitária, social, econômica e educacional.

## Nossa experiência de orientação no Programa de Residência Educacional

A fim de estar em sintonia com as demandas contemporâneas para a formação profissional docente<sup>4</sup>, o Programa de Residência Educacional que ora apresentamos está inserido no contexto do curso de licenciatura em Ciências Humanas de uma Faculdade de Educação que forma por área de conhecimento<sup>5</sup>. O Programa

4 Tal como o proposto pelo Ministério da Educação e patrocinado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) desde 2018. É importante destacar que o Programa de Residência que narramos está em vigor desde 2017, portanto, antecede a política educacional federal.

5 A definição de área de conhecimento é bastante controversa, pois nem mesmo as modalidades e categorias multi-inter ou transdisciplinares em suas variações possíveis esgotam as discussões político-pedagógicas e epistemológicas do termo. No âmbito acadêmico, há o consenso de que o termo não é, ou seja, entende-se que não se trata de uma produção

de Residência Educacional compõe a matriz curricular da instituição e permite, desde o primeiro semestre do curso, a prática docente e complementa o Estágio Curricular Supervisionado visando sua formação através da observação, experimentação, prática e análise a fim de propor soluções, conjuntamente com um professor-orientador, para questões relacionadas à vida prática das escolas.

Essa particularidade curricular promove aos estudantes, no que diz respeito à etapa prática de sua formação, 800 horas em sala de aula a mais que as 400 horas relativas ao estágio supervisionado obrigatório. Programa esse que promove a atuação dos licenciandos junto a professores do ensino básico, na mesma rede em que participa a faculdade e em escolas da rede pública de ensino (estadual e municipal).

Em caráter informativo, temos que o Programa de Residência Educacional é desenvolvido em três etapas simultâneas: a imersão do estudante em ambiente escolar; a orientação de residência realizada na faculdade e conduzida por um docente, denominado professor-orientador, que acompanha um grupo de estudantes em momentos coletivos de planejamento, estudo, análise da vivência durante a semana no local de residência (escola e/ou instituições de educação não formal, como museus, fundações etc.); e, por fim, realiza-se uma sistematização, momento de análises individuais no qual o residente (estudante) revisita seus registros e diálogos compartilhados e elabora reflexões sobre suas experiências e vivências, buscando apreendê-las e ressignificá-las.

de conhecimento de forma disciplinar. No âmbito escolar, concordamos com Young quando esclarece que os currículos escolares são concebidos a partir da articulação entre o que o autor chama de campo de conhecimento (área do conhecimento) e as disciplinas, assim “[...] os campos do conhecimento são a base sobre a qual desenvolvemos novos conhecimentos. As disciplinas são a base sobre a qual transmitimos conhecimento para as próximas gerações. Portanto, as disciplinas escolares são sempre contextualizadas a partir dos campos do conhecimento [...]” (YOUNG in GALIAN; LOUZANO, 2014, p. 1119).

Os registros são realizados em caderno de campo, com base nas observações feitas durante o acompanhamento dos professores e dos estudantes no segmento em que se realiza a Residência Educacional, a qual ocorre por 8h semanais. Esses registros são realizados em sala de aula onde o residente observa os métodos e dinâmicas propostas pelo professor e a forma como os estudantes reagem a esses, bem como em outros momentos e espaços: intervalo, entrada e saída, reuniões pedagógicas, conselhos de classe e planejamento etc.

Já a orientação de residência, que ocorre durante 2h semanais, é realizada – em tempos de pré-pandemia – nas instalações da faculdade, onde são realizadas reuniões de orientação entre o estudante, o professor-orientador e seus pares que podem ser da mesma turma (ano) ou turmas (anos) diferentes. A proposta é discutir coletivamente as observações e vivências realizadas durante a semana na escola, sendo o papel do orientador, enquanto aquele que possui uma experiência prévia na atuação docente e escolar, problematizar/orientar os aspectos observados durante a residência, indicar referências bibliográficas para o aprofundamento das reflexões e discutir as vivências cotidianas voltadas ao cenário escolar.

A proposta da faculdade em incluir em sua matriz curricular essas 800 horas de Residência Educacional contribui para uma formação que permite ao estudante já no primeiro semestre do curso imergir no cotidiano escolar, o que provoca a reflexão contínua sobre a prática docente e sobre a articulação teoria e prática em diversos segmentos do ensino básico. Essa vivência se mostra bastante fecunda na formação inicial, pois reduz o risco do estudante, em seu último ano de curso, verificar no estágio obrigatório que não escolheu a melhor carreira de acordo com seu perfil, o que acaba acontecendo com muito professores ao término da graduação, ou até mesmo no início

de sua carreira, além de possibilitar a aprendizagem da teoria permanentemente articulada com a prática. Assim como o estágio supervisionado obrigatório, só que com mais horas, a Residência Educacional permite:

[...] a resignificação da formação inicial viabilizada por meio da relação teórica e prática [...] de que o estágio não pode ser concebido pelos alunos licenciados como um mero cumprimento das exigências e necessidades do curso de formação, mas deve ser compreendido e vivenciado pelo aluno, como uma etapa que delineia uma nova concepção de estágio, que une teoria e prática. Concepção esta que tem um único sentido, de desnudar o enigma circundado por velhos paradigmas que rompem com a relação teoria e prática, para assim, formar profissionais aptos às suas funções a partir das vivências e leituras produzidas por meio dos conhecimentos teóricos práticos. (LIMA, 2018, p. 51)

Ao acompanhar e orientar os estudantes durante os quatro anos, os professores orientadores confirmam o potencial investido nessa proposta, uma vez que pode-se verificar a importância e a eficácia da residência educacional, por meio das orientações e das sistematizações feitas ao final de cada semestre, a partir das reflexões e análises que os estudantes desenvolvem sobre o contexto escolar e das características próprias de cada segmento do ensino básico, tais como o currículo desenvolvido com base na análise dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) e das observações em sala que lhes permitam analisar os conteúdos e estratégias desenvolvidas pelos professores, sobre as formas da gestão em diferentes níveis, escolar e de sala de aula, refletem sobre como os professores medeiam os conflitos e como se percebem enquanto profissionais da educação.

Contudo, o ano de 2020 foi excepcionalmente desafiador – não que 2021 será diferente –, pois ao nos vermos privados do contato presencial com nossos estudantes e esses por sua vez, impedidos de ter a vivência em sala

de aula, junto aos estudantes e professores do ensino básico, nos levou a reinventar dinâmicas, formas de se relacionar, de trocar experiências e de refletir sobre as questões da educação.

Ao mesmo tempo que a crise sanitária nos privou de realizar as orientações da forma em que estávamos acostumadas e se mostrou como um momento de incertezas e angústias, nos conduziu a outras possibilidades, fazendo com que orientadores (professores) e orientandos (estudantes) se reinventassem, se adaptassem ao novo contexto, revendo suas possibilidades e refletindo sobre sua própria maneira de se entender e se colocar no mundo.

Dada essa repentina e avassaladora experiência sob uma Pandemia, buscaremos expor as alternativas adotadas por nós, orientadoras de residência, junto ao grupo de estudantes do último ano de licenciatura em Ciências Humanas, a fim de suprir as horas destinadas a residência educacional inviabilizada pelo distanciamento social imposto mas que se mostrou frutífera na medida em que evidenciou a articulação entre a vivência dos estudantes em sala de aula efetivada nos semestres anteriores, a compreensão do ensino por área do conhecimento e a aplicação de estratégias pedagógicas que abarcaram o uso de recursos audiovisuais para o ensino dos conteúdos escolares, ao mesmo tempo em que narraremos nossas vivências ao longo dessas orientações da residência, que nos obrigaram a repensar nosso ofício de ensinar e nossas identidades docentes, agora em um contexto de ensino remoto.

## A atuação docente no contexto de ensino remoto: uma experiência formativa

Os abalos psíquicos, sociais, econômicos e políticos que a pandemia de covid-19 provocam também se expressam no campo educa-

cional e, em nosso caso, o emergencial ajuste de todo o processo de ensino e aprendizagem para uma plataforma virtual de comunicação foi o primeiro desafio imposto a necessária condição de plasticidade e adaptação de nossa atuação profissional. Nós, como docentes, excetuando alguns pontuais momentos de formação *on-line*, assumimos uma condição de complexidade, contradição, incerteza e fragilidade, mas que também desvelou a potência da educação e de nosso trabalho ao buscarmos tirar proveito desse cenário tão perverso que tomou conta do nosso cotidiano, inquietando e projetando novos “devires”.

Nesse aspecto, subsidiados por Passeggi (2016), nossa narrativa segue, uma vez que ao refletirmos e analisarmos nossas condições materiais, objetivas e subjetivas dadas por esse evento pandêmico, mobilizamos alternativas para (sobre)viver e eventualmente transformar a realidade que se apresentava com tanta dureza e impossibilidade para um efetivo processo de ensino e aprendizagem. Tal abertura à compreensão da realidade, privilegiou a escuta de nossas vozes assim como as dos estudantes, mas também os silêncios e ausências que revelaram as impermanências, a fluidez dos conhecimentos e a própria condição da experiência humana nesse contexto amplo, singular e diverso.

Assim, expressamos nossa experiência (re) significada de Orientação de Residência no contexto de ensino remoto e os caminhos, desvios e ações que foram paulatinamente (re) construídos no processo em constante diálogo junto aos estudantes de modo a também contribuir com sua formação profissional docente.

Após o choque repentino de adequação a uma plataforma de aprendizagem para o familiarizado ensino remoto, o passo seguinte foi adequar nossa atuação docente mediada pelas telas que realizavam o papel de nossos olhos, corpos e encontros. E, agora, a mediação não



era aquela da intimidade que se estabelece entre professores e seus estudantes, uma nova dinâmica também se instaurou, dada as condições de operacionalização e otimização dos tempos e da plataforma. Os professores tiveram que realizar a chamada “dupla docência”, não apenas um trabalho colaborativo, mas um trabalho conjunto e constante de construção, diálogo e proposição de atividades e condução dos processos de ensino e aprendizagem.

Sabemos que a condução de uma turma, os acordos, as dinâmicas e o próprio processo formativo, muitas vezes se concretizam de modo bastante particular e único; contudo, nessa nova dinâmica, exige-se uma predisposição imediata de diálogo, adequação, recuos e ações. O que antes da pandemia representava ações presenciais, semanais, com diálogos e combinados, passa agora a ter que ser adaptado e remodelado pela lógica do algoritmo e da tela, mas também pela necessária ressignificação das docentes sobre seu papel que se manifesta agora compartilhado e da própria Orientação de Residência.

Coube a nós orientar estudantes do último ano do curso de Ciências Humanas<sup>6</sup>, aspecto este que também determinou nossas ações, uma vez que atuar junto àqueles que se encontravam no percurso final de sua formação para, em seguida, adentrarem o mercado de trabalho, condicionou nosso olhar e nossas ações a aspectos que contribuíssem para esse momento tão importante na trajetória de qualquer estudante.

Tanto quanto intempestivo foi a adaptação ao ensino remoto, as mudanças nos modos de

dizer, fazer, ver e sentir nossa profissão implicaram reconstruções identitárias também no corpo estudantil, dado que a ruptura temporal e espacial da Faculdade (local de Orientação e encontro entre docentes e estudantes) e da escola (local da realização da Residência pelos estudantes), ao dar lugar aos recursos tecnológicos, revelou a forma e os sentidos que as instituições educacionais concebem suas estruturas, suas relações e os papéis docentes e discentes, conduzindo a necessárias reformulações das finalidades e processos educacionais, avaliativos e formativos.

Tais aspectos não foram ignorados em nossa experiência e dada nossa escuta e diálogo para com os estudantes, que estavam em vias de construção de seus trabalhos de conclusão de curso, em situações de vulnerabilidade familiar e social e de adaptação objetiva e subjetiva a todo o cenário de pandemia, nossas ações de orientação também sofreram significativas alterações, tanto em seus processos como finalidades, aspectos esses que

[...] ilustram bem as condições estruturais e a ausência de um processo formativo, minimamente possível, para o enfrentamento a uma nova modalidade de trabalho e a uma dinâmica de organização curricular que envolve não apenas recursos tecnológicos, mas sobretudo, lidar com vidas, com pessoas em situações de mudança. (DOS SANTOS, LIMA, DE SOUSA, 2020, p. 1643)

Não obstante, tais desafios representados pela distância física dos estudantes e entre nós, corpo docente e a necessária (re)invenção de formas de resistir e (re)existir nos processos de ensino e aprendizagem só ocorreram pela disponibilidade de escuta e diálogo entre todos, professoras e estudantes, na busca por reinventar seus papéis e ações, a fim de motivar o desenvolvimento dos vínculos que aparentemente corriam o risco de serem rompidos pelo isolamento social.

6 A turma do 4º ano da licenciatura em Ciências Humanas era composta por 19 estudantes com idades entre 22 a 52 anos de idade, um desses estudantes tinha formação técnica e os demais estavam realizando a primeira graduação. A maior parte dos estudantes era egressa da Rede Pública de Ensino, muitos desses estudantes vivem em cidades da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) ou em bairros periféricos da cidade de São Paulo, e em sua maioria compõe a população de baixa renda.



Portanto, uma ação inicial, após a retomada das atividades de orientação, agora mediadas pela plataforma remota, foi a proposição de uma atividade de relato de experiência, visando a partilha individual e coletiva sobre o contexto vivido, representando uma oportunidade para que os estudantes pensassem sobre esse percurso de formação não apenas do ponto de vista do aluno, mas também enquanto futuros professores. Sendo assim, construímos uma atividade com três questões norteadoras<sup>7</sup> sobre a formação na modalidade a distância cujas respostas foram compartilhadas em texto e em uma aula síncrona coletiva.

Tal atividade escrita e depois dialogada aproximou significativamente docentes e estudantes, o reconhecimento de que situações de angústia, medo, insegurança, dor eram muito semelhantes e nos atravessavam, gerou empatia entre todos, motivando proximidade e desenvolvimento de vínculos que certamente resultaram em maior engajamento e atenção na realização das rotinas de trabalho e nos itinerários formativos e profissionais.

Um dos estudantes, aqui identificado como Residente 1, inicia seu relato destacando a impossibilidade de retirar do processo de formação mediado por tecnologias o contexto massacrante do início da pandemia (que infelizmente, passado um ano, continua aterrorizante):

*[...] e este início de relato não pode ser diferente disso, pois é duro e sofrível demais, em especial para nós, cientistas humanos, acordar todos os dias, tendo a certeza de que pelo menos mil famílias perderão algum ente querido neste novo*

7 1) Quais as principais dificuldades que você encontrou ao longo do processo de adaptação à modalidade de ensino a distância? (Questões familiares, estruturais, de organização etc.); 2) Houve novas aprendizagens nesse processo? Tecnológicas, pessoais, sociais, educacionais? Se sim, quais? Se não, como você analisa esse aspecto? 3) Quais estratégias, você como futuro professor utilizaria para desenvolver sua aula se vivenciasse o contexto da pandemia e tivesse que transpor suas aulas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem?

*dia que nasce. Este todo, extremamente doído, sendo o plano de fundo para a continuidade do nosso processo formativo, evidentemente que atravessa e perpassa pelo nosso dia, pelo nosso medo, pela ansiedade, pelo luto e pela dor. Este é o primeiro e principal ponto das minhas dificuldades de adaptação: conviver constantemente com a angústia e a frustração.*

Sobre uma potencialidade de novas aprendizagens nesse contexto e do uso dos aparatos e recursos tecnológicos nessa nova dinâmica e a atuação na Residência com o Ensino Fundamental I, a aluna aqui identificada como Residente 2 reconhece caminhos possíveis para a atuação profissional e formativa:

*Atuando com o ciclo do Fundamental I, creio que as plataformas e vivências que tenho contato ao longo desses meses são potentes enquanto bagagem e práticas educacionais online. Porém, ao mesmo tempo, voltando-me para minha formação acadêmica, e os ciclos em que atuei, penso muito sobre levar para o meio virtual a vivência dos estudantes.*

Como docentes-orientadoras, da área de Humanidades, esses relatos são exemplares dos vários que tangenciaram todo o semestre, em que reflexões, dúvidas, sentimentos e emoções ressoaram constantemente a já conhecida afirmação de Nóvoa (2002, p. 24) sobre as relações de proximidade e envolvimento que compõe a dupla professor(a)-aluno(a), dado que “[...] os professores vivem num espaço carregado de afectos, sentimentos e conflitos. Quantas vezes preferiam não se envolver [...] mas, sabem que tal distanciamento seria a negação do seu próprio trabalho [...]”.

E buscando não negar nosso “próprio trabalho”, mas compreendendo a necessária (re)significação e (re)elaboração dos processos, caminhos e propostas, exercitamos nossa profissionalidade, de modo a repor nossa autoridade pedagógica enquanto responsáveis por contribuir de modo efetivo no percurso formativo daqueles e daquelas que estavam na reta

final de seu percurso de formação. Como resultado das leituras e diálogos dessa atividade que propunha colocar os estudantes em nosso lugar, no contexto de pandemia, foi possível rever nossas ações e atividades, pois

[...] apesar de todo o cenário desolador, em suas narrativas os(as) docentes evidenciam sua 'biograficidade' (DELORY-MOMBERGER, 2016), isto é, sua capacidade de refletir, interpretar e elaborar sua experiência, trazendo à luz, por sua vez, a marca humana do inacabamento, na forma da sua vocação para aprender, para metamorfosear as experiências, os percursos, os percalços. É nessa direção que professores(as) convertem, invertem, (re)inventam sentidos, olhares e modos de dizer o que vivem. No que contam, surgem ganhos, situações imprevisíveis e afirmativas, aprendizagens e projeções para um devir que pode significar anúncios para uma existência mais digna de ser vivida, como pessoa/profissional [...]. (DOS SANTOS, LIMA, DE SOUSA, 2020, p. 1640).

Sendo assim, em um devir que constantemente se repunha, nossas propostas de Orientação de Residência continuavam a contribuir para o processo formativo dos estudantes, contudo, tínhamos clareza de nossa necessária reinvenção nos processos de ensino e aprendizagem, e o desafio posto se alinhou aos questionamentos que nossos estudantes tinham sobre o uso de recursos audiovisuais e atividades pedagógicas de ensino e aprendizagem num contexto como o por nós vivenciado.

Nesse sentido, a atividade que resultou no trabalho final de nossa Orientação de Residência, a fim de emular/simular uma atuação profissional de construção de aula, foi a curadoria de três recursos audiovisuais (filmes - longa, média e curta metragem - documentários, animações etc.) que pudessem ser utilizados para a regência de aulas de Ciências Humanas (Filosofia, Sociologia, História e Geografia). Além da indicação e sinopse dos recursos audiovisuais, os estudantes tiveram que apresentar a finalidade pedagógica para a apreciação do

recurso, assim como uma questão norteadora que promovesse o debate inicial em relação ao recurso indicado.

Como estratégia sensibilizadora para a proposta que apresentamos aos estudantes, solicitamos que todos assistissem ao filme *Ensaio sobre a cegueira*<sup>8</sup> e, a partir dele, debatemos as ideias dos estudantes suscitadas pelo filme.

Muitos estudantes problematizaram os aspectos observados na sociedade relacionados ao contexto da pandemia de covid-19, como a falta de senso de coletividade e os problemas advindos do individualismo, próprios de uma mentalidade neoliberal. Já outros compararam a existência da mulher que enxergava a importância do conhecimento, especialmente, da área de Ciências Humanas para a compreensão e transformação da sociedade.

Esse momento de trocas entre as orientadoras e o grupo de orientandos se mostrou bastante rico e mobilizou a reflexão sobre o uso de recursos audiovisuais para o desenvolvimento dos conhecimentos das diferentes disciplinas que compõe as Ciências Humanas, mostrando-se um caminho possível para a articulação dos conteúdos escolares e como esses se expressam e se desenvolvem no contexto da área de conhecimento.

O resultado foi uma gama diversa de indicações fílmicas que manifestaram os saberes

8 O filme *Ensaio sobre a cegueira* é uma adaptação da obra homônima de José Saramago, uma distopia em que a população é acometida por uma epidemia que se espalha rapidamente. A doença chamada de "cegueira branca" atinge toda a população de forma inexplicável e inédita. A doença faz com que as pessoas infectadas deixem de enxergar e, ao contrário do que se espera da cegueira, passam a "ver" tudo branco. As pessoas são postas em quarente em um sanatório e rapidamente abandonadas pelo poder público a própria sorte, logo iniciasse uma disputa por território, alimentos e poder. As relações e valores humanos são postos à prova. Nesse cenário, há uma única pessoa que não foi contaminada pela doença, uma mulher que é esposa de um médico, juntamente a um pequeno grupo de pessoas ela tentará ajudá-los a sobreviver e a encontrar a humanidade perdida. Filme *Ensaio sobre a Cegueira*, 2008, direção de Fernando Meirelles, 121 min.

e aprendizados que os estudantes congregaram ao longo de seu processo formativo, relacionando conceitos teóricos com apreciações estéticas que só foram evidenciadas devido à nossa escuta e proposição como orientadoras de residência de atividades que não se limitaram ao relato escrito das relações de conteudistas de aprendizagem em sala de aula, uma vez que nos conectamos com os estudantes sob nossa orientação e nos desafiamos a “abrir novos caminhos” para nossa atuação junto ao processo de ensino e aprendizagem.

A utilização de estratégias de ensino até então desconsideradas na prática pedagógica das escolas. Fotos, vídeos, gravação de áudios, gravação de leitura de textos – de autoria dos estudantes e enviados para as professoras – evidenciam um movimento peculiar da situação estabelecida pelo ensino remoto. Certamente, ‘esses elementos foram sendo incorporados ao trabalho’ e constituem alternativas metodológicas que doravante farão parte da dinâmica do trabalho docente, expressos na assertiva citada acima de que “estamos abrindo novos caminhos’ (DOS SANTOS, LIMA, DE SOUSA, 2020, p. 1641).

Todas as propostas elaboradas pelos estudantes foram compartilhadas em um fórum via plataforma Moodle, com o objetivo que todos os envolvidos pudessem ler a curadoria de cada um e, inclusive, incentivando aqueles que ainda não conhecessem as indicações, buscassem ter contato com essas produções audiovisuais. Essa estratégia mobilizou ainda mais o diálogo entre os orientadores e estudantes, pois possibilitou discussões sobre diferentes perspectivas sobre a mesma obra, ampliou as maneiras de analisar o mesmo material e ampliou o repertório conceitual de cada um de nós. Conceitos como empatia, diversidade, equidade entre outros foram amplamente discutidos e apropriados pelos estudantes, uma vez que a maior parte das obras indicadas permitia a reflexão sobre a prática docente de

professores de Ciências Humanas.

Essa profusão de ideias e sentidos nos fez refletir sobre a relevância das orientações de residência no processo formativo de professores, pois como afirma Moura (2001, p.152), “[...] é a consciência de que há sujeitos que se apoderam do conhecimento potencializados em outros, por meio do ensino, que tornou evidente que o professor produz riqueza [...]”.

Como resultado desse rico material desenvolvido pelos(as) estudantes, fizemos um compilado com as indicações de recursos audiovisuais e suas respectivas propostas pedagógicas para a área das Ciências Humanas. Esse compilado resultou em mais uma (re)invenção e (re)significação de nosso ofício e experiência, pois conseguimos desenvolver um *site* (no Google Site<sup>9</sup>) que serviu de repositório e divulgação das atividades desenvolvidas pelos estudantes.

## (Re)significando a atuação docente: um processo em construção

Ao narrarmos nosso percurso, tivemos no horizonte a tentativa de responder à pergunta: “como nós, orientadoras de residência, (re)significamos nossa atuação frente ao processo de ensino e aprendizagem no contexto de ensino remoto?”. A resposta que conseguimos elaborar, não apenas objetivamente, mas também subjetivamente, não se apresenta definitiva, pois sabemos que o percurso ainda é longo e muitas paradas, curvas, desvios podem surgir, porém acreditamos que longe de sucumbir neste contexto desfavorável, nós, professoras-orientadoras, encontramos sim estratégias de resistir e (re)existir na docência remota, de modo a efetivar e reafirmar nossa profissio-

9 Recursos audiovisuais e a regência em Ciências Humanas. Disponível em: <https://sites.google.com/view/cienciashumanasereaudiovisual/p%C3%A1gina-inicial>.

nalidade, na tentativa de dar continuidade ao direito dos(as) estudantes à educação, ainda que atravessados(as) pela angústia de estar acompanhando um processo de aprendizagem em isolamento social.

Ao narrarmos nossa (auto)biografia, percebemos que toda essa experiência expressa a capacidade humana de transformar o vivido e redimensionar a temporalidade, interpretação e ressignificação das narrativas projeções, reflexões, inquietações, aprendizagens e possibilidades para um “devir” no campo pedagógico mais próximo dos estudantes e de um uso mais efetivo das novas tecnologias.

Nesse percurso, nos desdobramos para poder dar continuidade a um trabalho que foi repentinamente modificado não apenas em sua forma, mas em seu conteúdo e finalidade, que passou de presencial para *on-line*, de relacional para síncrono e assíncrono, mas que não deixou de contribuir para o processo formativo, uma vez que entendemos, assim como Freire (1996), a importância de se desenvolver a formação docente juntamente à prática educativo-progressista em favor da autonomia do “ser dos educandos”. Considerando que, até mesmo em momentos incertos, nos coube, como professoras-orientadoras, buscar saídas para o obscurantismo, refletir permanentemente sobre nossa prática e nosso papel social, o que nos leva a nos reinventarmos sempre.

Entendemos que nossa contribuição com este relato é a de entender que o “ofício de ensinar” se manifestou nos diálogos e escutas que proporcionamos para nós e para os estudantes, assim como a (re)significação da atuação profissional e o uso dos recursos tecnológicos não só na atividade final, mas na própria mediação da Orientação de Residência, manifestaram na experiência de ensinar e aprender nos processos formativos tanto docente quanto discente, resultando nessa “narrativa de nós”, que não deixamos de afetar e de ser

afetadas pela pandemia, pelas tecnologias e pela sempre rica e necessária relação dialógica para com os(as) estudantes.

## Referências

DOS SANTOS, Elzanir.; LIMA, Idelsuite de Souza.; DE SOUSA, Nadia Jane “Da noite para o dia” o ensino remoto: (re)invenções de professores durante a pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 16, p. 1632-1648, 29 dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9178>. Acesso em: 8 fev. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 17 fev. 2021.

ENSAIO sobre a Cegueira. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2008. 1 DVD (121 min.).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Terra e Paz, 1996.

GALIAN, Claudia Valentina Assumpção; LOUZANO, Paula Batista Jorge “Michael Young e o campo do currículo: da ênfase no conhecimento dos poderosos à defesa do conhecimento poderoso. **Revista e Pesquisa**, v. 40, nº 4, p. 1109-1124, São Paulo Oct/Dec. 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022014000400016&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022014000400016&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 9 fev. 2021.

LIMA, Maria Divina Ferreira. Estágio supervisionado no curso de pedagogia: o entrelaçamento da docência com a teoria e a prática. LIMA, Maria Divina Ferreira. In: **Estágio supervisionado: lócus de construção e reconstrução de saberes**. Teresina: EDUFPI, 2018. p. 47-65.

MOURA, Manoel Oriosvaldo. A atividade de Ensino como Ação Formadora. In: CASTRO, Amelia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Orgs.). **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamen-

tal e média. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 145-162.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição; **Narrativas da experiência na pesquisa-formação**: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. DOI:10.18593/r.v41i1.9267

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana

Martins. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. Disponível em <http://www.ppgmu-seu.ffch.ufba.br/sites/ppgmuseu.ufba.br/files/eli-zeuclementino.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Recebido em: 12/03/2021

Revisado em: 25/10/2021

Aprovado em: 03/11/2021

**Juliana Rossi Duci** é doutora em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras/Araraquara (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Professora da Faculdade SESI de Educação (Fasesp). Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa - Tecnologia e Educação da Fasesp e membro do GEP - Teoria Crítica: Tecnologia, Cultura e Formação. *E-mail*: [juliana.duci@sesisp.org.br](mailto:juliana.duci@sesisp.org.br)

**Ana Paula Gomes Seferian** é doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Professora da Faculdade SESI de Educação (Fasesp). Atua no Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa Formação de professores, currículo e práticas pedagógicas da Fasesp e no Grupo Ensino de Geografia em Múltiplos Contextos, também da FEUSP. *E-mail*: [anapaula.seferian@sesisp.org.br](mailto:anapaula.seferian@sesisp.org.br)